

A viagem do abstracionismo brasileiro

MIGUEL DE ALMEIDA

Do mesmo espírito de vanguarda, talvez seja a "resposta brasileira" nas artes plásticas — principalmente aos países que tomam o Brasil como dominado pelos artistas primitivos, e os pintores de bozinhos e porteiras. Movidos pela certeza de que nem tudo é lago ou rio seco, a Sociedade de Amigos dos Museus e o Itamaraty promovem a partir de maio, pela Europa e Estados Unidos, a mostra "Os Mestres do Abstracionismo Brasileiro". Escolhidos por quatro críticos especializados — Jacob Klawnsky, Alberto Beutennmuller, Lisela Levi e Olney Kruse — dez abstratos das telas comparecerão com 27 trabalhos no total. Eles: Abelardo Zuhar, Arcangelo Ianelli, Danilo di Preti, Kazuo Wakabayashi, Lothar Chroux, Servulo Esmeraldo, Tomie Ohtake, Tikhashi Fukushima, Manabu Mabe e Alfredo Volpi.

Fundada há dois anos, a Sociedade de Amigos do Museu, a SAM, é dirigida por um grupo de pessoas de áreas diversas, interessadas pelas artes plásticas brasileiras. A SAM promoveu no início da ano o "Cruzeiro Colorido" — um navio forrado de quadros que visitou Buenos Aires. Para a realização da mostra itinerante "Os Mestres do Abstracionismo Brasileiro" — conta o crítico Alberto Beutennmuller — a idéia inicial foi mostrar que, ao contrário do que se imagina genericamente no exterior, as artes brasileiras não são apenas representadas por trabalhos primitivos. A comissão crítica optou por um gênero — o abstracionismo —

exatamente por entender que se trata de algo mais requintado e sofisticado. O abstrato — frisa Beutennmuller — não se refere à escola, mas a uma tendência que fuja ao figurativo, "sem trabalhar com o real, a objetividade". Assim, muitos dos eiletos já passaram pela escola propriamente abstrata, e hoje se dedicam a uma pintura, genericamente, não figurativa, que não se refere à realidade como inspiração imediata. O que comporia, é certo, trabalhos que enveredam pelas figuras geométricas, com ligeiras influências do construtivismo.

Além dos autores que irão expor em países europeus e nos Estados Unidos, foram considerados ainda outros nomes. Três deles — Iberê Camargo, Aísio Carvão e Maria Leontina —, embora convidados, não aceitaram participar por motivos particulares. Outros dois — Sanson Flexor e Yolanda Mohalyi, cogitados para a turnê, tiveram de ser abandonados, já que a comissão organizadora teria de contar os familiares dos artistas (os dois morreram em diferentes épocas) — o que iria gerar vários problemas. Mesmo assim, aos dois artistas mortos a mostra é dedicada com carinho.

Escolhidos e convidados os artistas, a eles próprios coube a tarefa de indicar suas obras. A maioria dos trabalhos selecionados pertence à produção de 1960, exceção feita a Alfredo Volpi, que retirou de sua coleção particular pinturas de variadas épocas. Tomie Ohtake preferiu quadros atuais por um



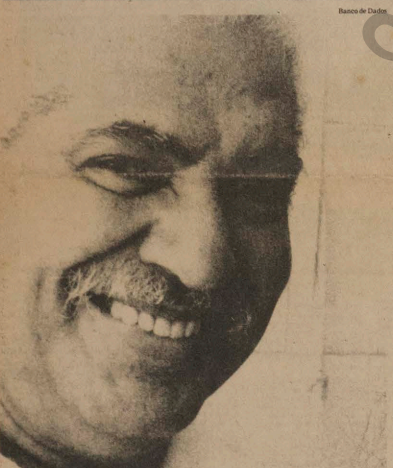
Tela de Manabu Mabe que viajara, a partir de maio, junto com outras 27, na mostra "Os Mestres do Abstracionismo Brasileiro"

motivo simples: depois de homenageada e bem celebrada ao passado, seu estoque foi esgotado. Arcangelo Ianelli fixou-se em sua produção atual por única razão. Segundo ele, fica "difícil do público, dentro de uma mostra, compreender várias telas pertencendo a muitas fases. Acho que uma síntese explica melhor o trabalho". Danilo

di Preti também concorda com Ianelli. "São minhas últimas telas no abstracionismo. E acho que elas dão um panorama de minha obra até então. Talvez até me enverede pelo figurativo", comenta bem humorado. Não é possível se avaliar com precisão os custos da mostra. Existem apenas números parciais,

multas empresas privadas colaboraram com doações. O seguro das obras foi estipulado em 140 milhões de cruzeiros. O transporte, patrocinado por uma empresa de aviação, ficaria em torno de 70 milhões. A locomoção dos trabalhos pela Europa, e o pagamento dos variados coquetês, será lançado pelo Itamaraty. O catálogo da exposição

terá uma tiragem de oito mil exemplares, além de mais dez mil convites, em cuja capa aparecerá um quadro de Alfredo Volpi. "Os Mestres do Abstracionismo Brasileiro" começam sua turnê pela Espanha, Portugal, Itália (Roma e Milão), Inglaterra, Holanda e nos Estados Unidos, em Nova York e Washington.



Caymi, agora com setenta anos: os filhos cantam em sua homenagem



FOLHA AGROPECUÁRIA

Safras, política agrícola, mercado, tecnologia, exportações...

porque nem só de terra e água vive a agropecuária.

Sábados
FOLHA AGROPECUÁRIA

FOLHA DE S. PAULO
300 mil em mais vendas diretas

A festa pelos 70 anos de Caymi

Do Sucursal do Rio "Venham todos, pois é dia de festa no mar e na terra da Bahia: no findar de abril, no anúncio de maio, o filho do povo, o bem-amado de Iemanjá, completa setenta anos de vida. São setenta anos de poesia, setenta vezes setenta de música e canção, de simplicidade com o vento, com os pescadores e os peixes, com as lavadeiras do Abaeté."

A convocação escrita por Jorge Amado está no álbum de reproduções de desenhos de Dorival Caymi, que será lançado no início de maio pela Funarte, como parte das

comemorações dos setenta anos do compositor. Mas a festa organizada pela Funarte em homenagem a Caymi começará na próxima semana, quando seus filhos — Nana, Dori e Danilo — farão um espetáculo no Rio, na Sala Funarte-Sidney Miller, dedicado ao pai.

Segundo Nana, o show, a ser dirigido por Teresa Araújo, será simples: "Os filhos cantam e os músicos tocam. Uma homenagem ao pai. Motivo maior para estarmos fazendo este espetáculo. No roteiro, vários sucessos do pai, como "Dora", "Marina", "So Louco", "Não Tem

Solução", "O Que é Que a Baiana Tem?", "Nem Eu".

Os filhos apresentarão, também, seus próprios trabalhos. Dori é o responsável pelos arranjos do espetáculo. Danilo, também compositor, mostrará seu talento de flautista, além de cantar. E Nana, considerada a das melhores intérpretes brasileiras apresentará, além das músicas do pai — canções de seu repertório. Seu último disco, com César Camargo Mariano, foi classificado pela revista francesa "L'Azul" como o melhor do ano passado. Além do show, a Funarte organizará

uma exposição — que será aberta no próximo dia 30 — de dez desenhos de Caymi, ilustrando algumas de suas canções. Paralelamente, haverá, ainda, uma mostra do caricaturista argentino Sabat sobre o compositor. A 9 de maio, com a presença de Caymi, as comemorações dos seus setenta anos serão encerradas, com o lançamento de um álbum de reproduções dos seus desenhos expostos e de um elepê duplo gravado durante um espetáculo ao vivo, no Teatro Castro Alves, em Salvador, organizado pela Funarte em 73, em que Caymi se apresentou só com o seu violão.

Décio Pignatari

Maldito amanhã

Aquilo que talvez faça a grandeza do Ocidente (e já de boa parte do Oriente...) é também a razão de seu infortúnio: a vida projetada. Ou, simplesmente: ideologia. Do projeto militarista do Brasil Grande à aposentadoria, do "o que você vai ser quando crescer" à luta pelo emprego, do sonho utópico da sociedade feliz e final à poupança de níqueis e de vida segundo a concepção bancária das formigas, de um movimento artístico que se propõe a ser o único e verdadeiro movimento artístico ao movimento antiartístico destinado a acabar

com todos os movimentos, da verdade final (religiosa, científica ou política) à ansia e angústia de querer e/ou ter de concluir (qual é o objetivo? para que serve a que se destina, qual a "finalidade?"), da vida plena após a morte à glória aguem-tumulo, vivemos uma vida feita de alguns outros (mas e outros que amados), de hoje nenhum — e de numerosíssimos amanhã, que nos alienam e aos quais nos vendemos ou somos vendidos.

A coisa mais difícil de se encontrar e conhecer é uma pessoa que está. Uma pessoa que está onde ela mesma está. Como aqui se trata de mais de uma questão de tempo do que de lugar, ou de tempolugar, talvez o mais certo seja falar de uma pessoa que está quando onde está. Normalmente, não estamos quando estamos: na rua, numa sala de aula, numa festa, num comício ou na privada, o eu projetado para o momento seguinte é mais real do que o eu que ali está aparentemente. Temos aparências de presença e presente, mas já estamos no buraco negro do amanhã, onde ninguém nos vê. Excetuadas algumas pessoas que muito sofreram, para as quais o futuro é uma ameaça de reduplicação do passado, e que permanecem anônimas na minha memória, duas pessoas-personalidades brasileiras suscitam em mim a mais comovida admiração, justamente pela capacidade, ou virtude, ou sortilégio, que têm de sempre estar quando estão (junto e além da obra que realizaram): Alfredo Volpi e Mário Schemberg. Arte, oriente, natureza. Os bichos. As crianças. As mulheres.

Flaubert, que traçou o primeiro retrato da mulher moderna — esse Quixote de suas que se chama Emma Bovary — falava da "maldita mania de querer concluir"; o grande poeta Boris Pasternak, que faz de Lara uma alegoria da poesia em todas as suas condições e estações, sempre busca da achada/perdida (e particularmente da poesia russa), diz, nesse mesmo "Dr. Jivago", que "viver



não é preparar-se para viver"; Robert Oppenheimer, em sua maravilhosa conferência na Universidade de Columbia, 1954, ilustra as duas formas de conhecimento com uma imagem: um campo universitário visto do alto, como que de um helicóptero (visão geral, relações "macro", projeto), e a pé, no caminho que leva do alojamento ao departamento (o ralo de sal, o gelo, a flor, a pedra); e o filósofo matemático Alfred North Whitehead dizia que enaltecer o passado às custas do presente pode significar, para o futuro: a ordem e progresso dos defuntos. Talvez por isso, pelo descrédito dos grandes esquemas futuristas e futurológicos, que, no fim, acabam redundando em sistemas de controle, estamos assistindo à ressurreição dos pequenos grupos, dos

projetos limitados e factíveis, das produtoras independentes em rádio e tevê, da tendência geral à descentralização, da arte amadorística do percussivo e gratificante, do ensaio se transformando num micro em ambiente "soft" (almofadas em lugar de móveis), da primeira poesia da televisão que é o videoclipe, do deslocamento do acento do emissor para o receptor, das diretas-já. Chega dessa história de Brasil Grande-Pais-do-Futuro, cujo projeto geral se transformou num mundo-himalaia de pacotes, casuísticos e corrupção, para vexame secular das Forças Armadas, que não podem almejar um destino de grandeza sem o apoio do povo real de agora. Queremos o Brasil presente e o presente do Brasil, aqui, agora — e para todos.